

Implicações da concepção de léxico na formação do professor de língua materna

Implications of the conception of the lexicon in the formation of the mother tongue's teachers

Raquel Pires Costa *

RESUMO: A linguagem é um fenômeno complexo, cujas múltiplas dimensões devem ser estudadas articuladas, para além das dicotomias existentes. Uma das dimensões está relacionada ao léxico, cujo estudo é fundamental para o desenvolvimento da competência comunicativa. Diante da observação de que essas discussões deveriam preceder o início da prática docente, ou seja, de que o professor de língua portuguesa deveria ter um sólido conhecimento sobre a composição e organização do léxico, suas normas de bloqueio e produtividade, antes de iniciar sua regência de sala de aula, este artigo dedica uma reflexão sobre a formação de professores de língua materna nesse sentido.

PALAVRAS-CHAVE: Léxico. Língua materna. Formação de professores

ABSTRACT: Language is a complex phenomenon, which multiple dimensions should be studied articulated beyond the dichotomies. One dimension is related to the lexicon, which study is crucial for the development of communicative competence. Observing that these discussions should precede the start of teaching practice, that is, that the Portuguese language teacher should have a solid knowledge about the composition and organization of the lexicon, their blocking and productivity rules, before beginning the classroom regency, this paper devotes a reflection on the training of native teachers in that direction.

KEYWORDS: Lexicon. Mother tongue. Teachers' formation.

1. Introdução

A linguagem é um fenômeno complexo, cujas múltiplas dimensões devem ser estudadas articuladas, para além das dicotomias existentes. Uma destas dimensões está relacionada ao léxico, cujo estudo é fundamental para o desenvolvimento da competência comunicativa.

Diante da observação de que o professor de língua portuguesa deveria ter um sólido conhecimento sobre a composição e organização do léxico, assim como sobre suas normas de bloqueio e produtividade e a articulação desses conhecimentos antes de iniciar sua regência de sala de aula, este artigo dedica-se a uma reflexão sobre a formação de professores de língua materna nesse sentido.

* Mestre em Estudos Linguísticos pelo POSLIN/UFMG (Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Minas Gerais). Bolsista FAPEMA (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Maranhão).

Pretendemos, com essa reflexão, articular conceitos do domínio da Lexicologia, como léxico e competência lexical, com o ensino de língua materna, mostrando que essas discussões, assim como o conhecimento desses conceitos deve preceder a prática docente.

2. Léxico: algumas considerações teóricas

Em linhas gerais, a Lexicologia é uma ciência do léxico que estuda as unidades do universo lexical. Segundo Coseriu (1977), seu objeto de estudo engloba a estrutura do vocabulário da língua, sua composição, variedade, origem, mudanças históricas e adaptação às condições sociais da comunidade.

Antunes (2007, p. 42) define o léxico da seguinte forma:

O léxico é um conjunto relativamente extenso de palavras, à disposição dos falantes, as quais constituem as unidades de base com que construímos o sentido de nossos enunciados. [...] É mais do que uma lista de palavras à disposição dos falantes. É mais do que um repertório de unidades. É um depositário dos recortes com que cada comunidade vê o mundo, as coisas que a cercam, o sentido de tudo.

Apesar da coerência da definição de Antunes (2007), o termo *palavra* não alcança tudo o que cabe na conceituação de léxico. Biderman (2001, p. 169-171) pontua ainda que há imprecisões inerentes tanto ao termo *palavra* quanto a *vocabulo*, e ressalta que, por entenderem que esses termos se prestam a imprecisões, os linguistas adotaram os termos *lexema*, para designar a unidade léxica abstrata em língua e *lexia*, para a manifestação dessas formas no discurso.

A autora ainda contrasta os termos *léxico* (acervo dos lexemas de uma língua) a *vocabulário* (conjunto de lexias registradas na obra de um autor, por exemplo) (BIDERMAN, 2001).

No que diz respeito à composição do léxico, as unidades lexicais estão organizadas em um vocabulário comum a toda a comunidade linguística, compartilhado, de uso geral (parte mais extensa do léxico), e em vocabulários especiais, de uso restrito, os quais não são compartilhados por toda a comunidade, pois são gerados por grupos sociais (como grupos solidários, grupos de profissionais e grupos de pesquisadores).

É o vocabulário comum que garante a comunicação entre os falantes.

Inserido no léxico da língua, do qual se falou até então, está o léxico mental. Este pode ser definido como:

- a) conjunto de unidades léxicas armazenadas na memória de longo prazo, sempre presente quando participamos de um ato de fala;
- b) conhecimento internalizado de padrões gerais de estruturação que permitem a interpretação ou produção de novas unidades lexicais.

Já o léxico mental é subdividido em léxico real e virtual. Enquanto que é no léxico real que se encontra o conjunto total de palavras da língua, o léxico virtual abrange o conjunto de padrões que determinam as construções lexicais possíveis e sua interpretação.

Em relação a essas possibilidades de novas construções lexicais, Ferraz (2006) ressalta que a mudança, uma característica das línguas naturais, é mais evidente no léxico, uma vez que o léxico é um fenômeno permanente e a inovação lexical é um recurso das línguas para sua continuidade, é prova da vitalidade da língua. Como o léxico categoriza o conhecimento humano na forma de palavras, Biderman (1998) lembra que o crescimento do léxico se faz numa progressão geométrica, devido à criação contínua de palavras novas, o que faz com que a possibilidade de sua ampliação seja praticamente infinita.

Esse processo de expansão, no entanto, não se dá desordenadamente. Assim como há condições favoráveis ao surgimento de novas unidades lexicais, há também normas de bloqueio e de restrições que regulam essa produtividade:

Se as restrições às regras de formação de palavras nos dão conta das limitações que são parte integrante dessas mesmas regras, se as restrições nos falam do que não pode ser formado por razões internas inerentes aos próprios modelos, os bloqueios nos dão conta das limitações que se impõem à produtividade lexical por razões ou causas externas, isto é, a formação de uma palavra é impedida por outra(s) já existente (s) no léxico da língua (SANDMAN, 1991, p. 75).

Essas normas, tanto de produtividade, quanto de restrição e bloqueio da produtividade, constituem um conhecimento que está diretamente relacionado ao desenvolvimento da competência lexical do falante, que será discutido a seguir.

2.1 Critérios que levam ao desenvolvimento da competência lexical de um falante

Segundo Lescano (2002), pode-se definir competência lexical como o conhecimento da estrutura e do funcionamento do sistema léxico da língua em função da qual este sistema, sujeito às considerações pragmáticas pertinentes, pode ser usado eficazmente pelos falantes em

contextos discursivos diversos. Para a autora, compreender e utilizar o léxico de uma língua é uma competência que não pode ser separada do compreender e utilizar os modelos mentais e culturais dessa língua, uma vez que toda a cultura é uma trama simbólica formada por redes interconectadas de modelos culturais e a competência léxica é a formação mais duradoura e evidente desses modelos.

Nesse sentido, desenvolver o léxico não é somente conhecer mais palavras, mas aumentar o conhecimento de mundo. Fornecer aos alunos estratégias para aumentar o léxico de forma permanente lhes permitirá não somente aumentar seu domínio qualitativo, mas também penetrar em distintas áreas de conhecimento.

Para consolidar e melhorar a competência lexical, a autora considera que é necessário trabalhar o léxico de maneira organizada, recorrente e contextualizada. Trata-se de ativar as constantes inter-relações linguísticas estabelecidas pelas palavras a partir de conexões associativas de todo tipo (sinonímicas, antonímicas, etc.), fazendo com que os alunos fixem as novas conexões numa aprendizagem significativa e não arbitrária.

Em seu texto *On the Structure of lexical competence*, Marconi (1997) também tece importantes considerações sobre a competência lexical, principalmente no que se refere às diferenças entre as competências individuais entre os falantes. Inicia sua discussão afirmando que postulados de sentido – informações explícitas nos enunciados que permitem que o leitor faça inferência sobre determinada palavra – não exaurem o conteúdo sobre competência semântico-lexical e que um falante competente sabe mais do que é expresso por postulados de sentido.

Para o autor, saber palavras comuns e ser competente em seu uso é desempenhar performances básicas como descrevê-las, reconhecê-las e explicar seu uso. Contudo, para a maioria das palavras no vocabulário do inglês padrão – e pode-se dizer que o mesmo se aplica ao português – a competência em seu uso varia largamente de falante para falante.

Essa competência não difere simplesmente em relação à qualidade, pois um falante pode ser muito competente referencialmente, ou seja, na aplicação de certas palavras, na habilidade de mapear itens lexicais sobre o mundo em geral, e ser ao mesmo tempo profundamente ignorante no tocante à natureza e propriedade de seus referentes, isto é, no que diz respeito à competência inferencial. Por outro lado, uma pessoa pode ter um excelente conhecimento, mas uma competência referencial pobre.

Destaca, ainda, que a competência inferencial pode ser enriquecida através da reflexão sobre a aplicação de uma palavra.

Ao realizar essa discussão, a habilidade que o autor quer circunscrever é mais geral e mais dinâmica: a habilidade de se fazer uma rede de conexões entre as palavras, formando a base do aspecto inferencial da competência semântico-lexical – desempenhos como inferências semânticas, recuperação de uma palavra a partir de sua definição, encontrando um sinônimo, etc.

Algumas conclusões a que Marconi chega podem ser relacionadas ao ensino de línguas:

- a) a competência lexical não pode mais ser descrita somente como a habilidade de fazer uma rede de relações entre as palavras, devendo incluir muitas habilidades distintas conceitualmente e separadas mentalmente;
- b) a habilidade de se definir uma palavra deve estar dissociada da habilidade de encontrar uma palavra correspondente em uma dada definição verbal ou numa descrição do referente da palavra;
- c) há uma ampla evidência de que funções referenciais (como a de nomear) estão dissociadas de funções inferenciais (como definir e parafrasear).

3. As implicações da concepção do léxico na formação do professor de língua materna

A formação do professor de Língua Portuguesa é de especial relevância, haja vista o caráter interdisciplinar da disciplina e por ela estar inserida na totalidade da linguagem. Considerando que uma das dimensões da linguagem está relacionada ao léxico, seu estudo é fundamental para o desenvolvimento da competência comunicativa do falante, pois quanto mais aprofundado o seu vocabulário, mais facilidade terá para ler, compreender e produzir textos.

Há cerca de trinta anos, o ensino do vocabulário na escola limitava-se ao item lexical de forma isolada ou em frases curtas. Com os estudos da Linguística Textual e as discussões trazidas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), o estudo do léxico sofreu alguma modificação, como a contextualização do ensino das unidades lexicais em textos. Contudo, essa mudança ainda está aquém de garantir um ensino que de fato desenvolva a competência lexical dos alunos.

Como visto nos itens anteriores, todas as unidades lexicais estão cercadas por uma rede indeterminada de associações que as ligam umas às outras, o que demonstra que o léxico não é um conjunto de itens isolados, mas de itens coordenados.

Portanto, o falante deve fazer associações em relação ao conteúdo semântico que as palavras desempenham, para que tenha a oportunidade de construir seu conhecimento, para que teça relações semânticas entre as palavras e, dessa forma, verifique a função das unidades lexicais no estabelecimento da coesão do texto. Necessita, ainda, observar o funcionamento dos itens lexicais no texto para se construir uma unidade de sentido e fazer associações e inferências.

O ensino do léxico deve, ainda, considerar os contextos sociais nos quais as palavras estão inseridas, pois dependendo da situação em que são empregadas, apresentam sentidos diferentes. É preciso que o discente tenha consciência de que conhecer uma palavra significa perceber a sua posição dentro da língua, associando-a a outras e conhecendo os seus vários significados.

Nesse contexto, o vocabulário precisa ser visto como um recurso comunicativo que completa as necessidades dos aprendizes, fazendo parte das suas estratégias de uso da língua para objetivos da comunicação, como bem recorda Marcuschi (2004, p. 22-23):

A presença de itens lexicais, seja na forma de campos léxicos, repetição, sinonímia e outras, não garante o acesso direto à significação nem a continuidade tópica do texto porque eles não funcionam autonomamente e sim no **processo enunciativo que se dá nas atividades de textualização. A identidade lexical, de significação e tópica não são automaticamente correlacionadas, mas enunciativamente produzidas** (grifo nosso).

Em seu trabalho *A face quantitativa da linguagem*, Biderman (1998) enfatiza que um importante problema relacionado ao léxico é o do aprendizado, tanto do vocabulário de uma primeira como de uma segunda língua, ressaltando a importância de se elaborarem listas de frequência para selecionar adequadamente o vocabulário a ser utilizado no ensino/aprendizagem do léxico.

Com relação ao ensino do léxico na escola, os PCN (BRASIL, 1998, p.79) orientam que o professor crie meios que contribuam para a expansão do repertório lexical do aluno de modo que ele seja capaz de fazer a adequação de determinados termos à situação comunicativa, e que o ensino com o léxico não trate a palavra como "portadora de significado absoluto", mas como uma "ponte" para a construção de sentido.

Portanto, o objetivo do ensino do léxico é fazer com que o aluno possa utilizar-se adequadamente dos vários sentidos das palavras e perceber os melhores efeitos do uso dos vocábulos em textos, fato que culminaria numa significativa comunicação textual.

Dispondo de um repertório lexical suficiente e adequado à expressão do pensamento de maneira coerente e clara, o aluno terá, conseqüentemente, mais condições de assimilar conceitos não somente referentes à disciplina de português, como de todas as outras, e principalmente de refletir sobre a língua e seus usos e sobre os demais assuntos, o que contribuirá para o desenvolvimento de sua criticidade.

Diante do exposto, podem-se incluir dentre as tarefas do professor de Língua Portuguesa, no que concerne ao ensino do léxico:

- a) partir do princípio de que a competência no uso da maioria das palavras varia de falante para falante – respeito às individualidades;
- b) partir do princípio de que a competência inferencial pode ser enriquecida através da reflexão sobre a aplicação das palavras;
- c) mostrar para os alunos que a língua é um fato social e o léxico, como componente integrante da língua, tem regras e bloqueios;
- d) levar o aluno ao desenvolvimento da competência lexical, sem simplesmente adotar uma postura de censura diante dos novos itens criados sem critérios pelos alunos.

A questão é que, para adotar esses procedimentos em sala de aula, o professor de língua materna deve entender claramente os conceitos de: léxico, léxico mental, léxico virtual, discutidos nos itens 2.0 e 2.1, assim como as regras de produtividade e de bloqueio da produtividade lexical e a articulação desses conceitos com o ensino da língua.

Tendo essa sólida formação, o docente terá condições de criar estratégias para que o aluno desenvolva a sua competência lexical, em vez de simplesmente podar o surgimento de novas unidades lexicais, e de desenvolver a capacidade cognitiva do aluno, para que maneje o léxico de sua língua a fim de conseguir melhores *performances* de maneira produtiva (isto é, produzir significados adequados e utilizar as regras de combinação das palavras).

Contudo, verifica-se que os cursos de graduação em Letras das principais faculdades brasileiras que disponibilizam a sua grade curricular *on line* não contemplam uma disciplina específica que trate dessa relação entre o léxico e sua aplicabilidade no ensino de língua portuguesa, relação esta que, como se procurou demonstrar nas reflexões acima, é tanto possível quanto necessária.

4. Considerações finais

Considerando que as atividades de Língua Portuguesa devem girar em torno da leitura e produção de textos e que a compreensão de um texto se dá através da relação entre os conhecimentos linguísticos e de interação, o trabalho com o léxico é de suma importância, uma vez que quanto mais competente do ponto de vista lexical o aluno for, mais facilidade terá para ler, compreender e produzir textos.

O falante competente do ponto de vista lexical sabe tanto manejar bem as palavras da língua como associar adequadamente as palavras do ponto de vista sintático, e essa competência manifesta-se no uso que faz da língua.

Entendendo que o falante tem autonomia no uso da língua, mas essa autonomia é relativa, uma vez que está relacionada à autonomia do outro e que cada falante é um elemento criativo que impulsiona a língua para a evolução, o professor de língua materna, ao mesmo tempo respeitará as individualidades, perceberá a dimensão da sua importância no desenvolvimento da competência lexical dos alunos.

Dentre os aspectos a serem melhorados na formação do professor de língua materna, destacam-se alguns conteúdos e algumas questões que podem e devem ser mais bem discutidos na Graduação:

- a) ensino do léxico;
- b) contextos sociais nos quais as palavras estão inseridas, pois dependendo da situação em que são empregadas apresentam sentidos diferentes;
- c) contribuição do léxico para o processo de construção de sentidos. Trabalhar com frases soltas e isoladas não conduz o aluno a desenvolver a sua competência lexical e, conseqüentemente sua proficiência enquanto leitor e produtor de textos. O aluno deverá ser conduzido a perceber que as palavras não têm sentido único, depende do contexto em que são empregadas;
- d) estudo dos itens lexicais: de grande importância para o desenvolvimento da competência comunicativa, pois quanto mais aprofundado o vocabulário do falante, mais facilidade terá para ler, compreender e produzir textos;
- e) as identidades lexical, de significação e tópica não são automaticamente correlacionadas, mas enunciativamente produzidas;
- f) presença de itens lexicais em sala de aula e nos livros didáticos: não garante o acesso direto à significação nem a continuidade tópica do texto, porque os itens

lexicais não funcionam autonomamente e sim no processo enunciativo que se dá nas atividades de textualização;

- g) compreensão de que dois aspectos são fundamentais para um ensino adequado do vocabulário : saber o que significa conhecer uma palavra e como evolui esse conhecimento.

Por fim, acredita-se que repensar a formação do professor de língua materna deve passar, sobretudo, pela discussão de que a relação teoria e prática deve ser contínua e acontecer desde a graduação, para que o docente tenha as mínimas condições de atuar em favor do desenvolvimento da competência lexical, e, por conseguinte, linguística, dos seus alunos.

Referências bibliográficas

ANTUNES, I. **Muito além da gramática**: por um ensino de línguas sem pedras no caminho. São Paulo: Ed. Parábola, 2007.

BIDERMAN, M. T. C. A face quantitativa da linguagem: um dicionário de frequências do português. **Alfa**, n. 42, 1998.

BIDERMAN, M. T. C. **Teoria linguística**: teoria lexical e teoria computacional. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Secretaria do Ensino Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa**. Brasília: MEC, 1998.

COSERIU, E. **Princípios de semântica estrutural**. Madrid: Gredos, 1977.

FERRAZ, A. A inovação lexical e a dimensão social de língua. In: _____. **O léxico em estudo**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2006.

LESCANO, M. Desarrollo de La competencia léxica desde un enfoque cognitivo y discursivo. In: XI CONGRESO DE LA SOCIEDAD ARGENTINA DE LINGUISTICA, 11., 2002. Buenos Aires. **Anais...** Buenos Aires: Universidad Nacional de Cordoba, 2002.

MARCONI, D. On the structure of lexical competence. In: _____. **Lexical competence (language speech and communication series)**. Cambridge, Massachusetts : The MIT Press, 1997.

MARCUSCHI, L. A. **O aspecto textual no processo de textualização**. Projeto de pesquisa. UFPE/NELFE/CNPQ nº306576/2003-1. Recife, 2004.

SANDMAN, A. J. Produtividade lexical. In: _____. **Competência lexical: produtividade, restrições e bloqueio.** Curitiba: Ed. da UFPR, 1991.

Artigo recebido em: 02.10.2015

Artigo aprovado em: 21.12.2015

Revista GTLex